

Uma prosa com Peninha, no centenário do mestre Franklin Cascaes



Heranças da cultura açoriana, seres imaginários e religiosidade popular são alguns aspectos abordados pelo museólogo ao relembrar as contribuições do artista para a preservação do folclore catarinense

Karina Janz Woitowicz¹

Há cem anos, em 16 de outubro, na localidade de Itaguaçu, em Santa Catarina, nascia o artista que dedicou a vida toda a registrar as lendas, histórias e costumes dos descendentes açorianos na ilha de Florianópolis: **Franklin Cascaes**. Através da escrita, do desenho e da escultura em argila, o artista e folclorista desenvolveu um trabalho cuidadoso de preservação da memória da cultura popular na ilha de Santa Catarina, até a sua morte, em 15 de março de 1983.

Como legado, deixou narrativas e anotações, desenhos em nanquim, figuras em argila e gesso, que compõem as deliciosas histórias produzidas por Cascaes, em seu trabalho de preservação do folclore e da cultura da ilha. Já foram publicados (e reeditados) pela Editora da UFSC dois volumes com as histórias de bruxaria registradas pelo pesquisador, sob o título *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, cada um com doze ‘causos’. E, além disso, o Museu da Universidade Federal de Santa Catarina abriga um acervo com cerca de 2.700 peças do artista, que se tornaram conhecidas graças ao trabalho dedicado e apaixonado do discípulo de Cascaes, Gelci José Coelho, que atua no museu há mais de 30 anos, sendo 12 dos últimos na direção.

Peninha, como Gelci é conhecido, conviveu por 10 anos com Franklin Cascaes, tornando-se admirador, incentivador e amigo do artista. Ouviu as histórias lidas em voz alta por Cascaes e com profundo interesse soube valorizar o que o artista registrou no seu caderno de anotações, conhecendo um universo imenso de histórias da tradição oral sobre os seres fantásticos que povoam o imaginário popular.

Historiador, museólogo e responsável pela difusão da obra de Franklin Cascaes, desde os anos 1970, Peninha diz ser apenas, de forma modesta, um “animador cultural”.

¹ Professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), doutoranda do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

Anuncia sua aposentadoria do Museu da UFSC, mas revela que continuará se dedicando à valorização da cultura. Atualmente, Peninha está ajudando a constituir uma Casa Biblioteca em Enseada do Brito (Palhoça/SC), e manifesta plena disposição em divulgar a obra de Franklin Cascaes, a herança da cultura açoriana e os traços da cultura popular catarinense, dentro e fora do Estado e do País.

Mas, além de profundo conhecedor e apaixonado pela cultura popular, Peninha é também um grande contador de histórias. Uma entrevista com ele é como um dedo de prosa, em que não há pressa alguma para terminar. Afinal, são tantas histórias, marcadas por um jeito encantador de contar, que é possível passar horas e horas conhecendo a riqueza da cultura popular da ilha, através da sua narrativa. Em entrevista à *Revista Folkcom*, Peninha fala sobre a tradição açoriana, a obra de Franklin Cascaes e os aspectos da cultura popular na “Iha da Magia”, além de partilhar conosco uma reza braba para espantar bruxas.

Qual é a contribuição da cultura açoriana na constituição da identidade no litoral de Santa Catarina? E qual a importância da religião neste processo?

A gente diz que a nossa herança cultural é de base açoriana, que os açorianos trouxeram uma bagagem muito curiosa. Quando Portugal descobre o arquipélago dos Açores, eles têm que ocupar este lugar para tomar posse. E Portugal não havia tanta gente assim para ocupar, só com eles. E com um acordo com outros reinos, o rei de Portugal consegue em nome de Portugal enviar gente de várias regiões da Europa. Isso já foi um fenômeno: foram para lá holandeses, belgas, flamengos, gente de todo lugar da Europa, além dos portugueses. Aquela gente que foi para o arquipélago ficou isolada do mundo, com esporádicos contatos com navios mercantes ou piratas. E ali foi se cozinhando aquela mentalidade do fim da Idade Média, mas com resquícios muito arcaicos que ficam naquele arquipélago. Essa gente, que vivia isolada, é trazida para o litoral de Santa Catarina para fazer um povoamento. Eles vieram em casais, no período de 1748 a 1756. Mais de 6 mil açorianos são trazidos para o litoral de Santa Catarina. Eles ocupam a região para dar sustentação às fortalezas, porque aqui era um lugar ermo, mas ao mesmo tempo a ilha era muito cobiçada pelos holandeses, franceses, ingleses, espanhóis... então Portugal fortifica essa ilha. É uma área bélica, mas que tinha floresta, fortaleza e os ‘gatos pingados’, então a idéia era de que eles fossem ocupando as terras e seguissem ao sul, até ignorando o Tratado de Tordesilhas, que eles deveriam chegar na região das Missões, e os açorianos se espalham por aí afora. Nós vamos encontrar

resquícios destes açorianos até o extremo oeste de Santa Catarina. E eles então trazem para cá aquela bagagem cultural repleta de religiosidade – com certeza, a maioria eram o que se chamava de “cristãos novos”. Eles vêm para cá e aqui ainda acrescentam muita informação do conhecimento indígena e também dos africanos, que já estavam trabalhando principalmente na caça da baleia, que vem do norte do Brasil ao sul. Então, com certeza, com esta convivência eles absorvem muito e por isso que a gente diz que a nossa herança cultural é de base açoriana, mas foi ainda mais enriquecida com aspectos indígenas e africanos.

Esse contato entre as culturas vai se expressar, então, em certas práticas e modos de vida...

Sim, no trabalho, eles eram lavradores, não pescadores, e eram exímios fabricantes de trigo e cevada. Aqui não deu, porque a terra era muito enraizada na floresta. Eles então se adaptaram aos moldes indígenas e vão, na lavoura, desenvolver principalmente a produção da farinha de mandioca. E fazem uma farinha excepcional até hoje. No Brasil inteiro se faz farinha de mandioca, mas só no litoral de Santa Catarina ela é alva, fina e torradinha. É esse talento que os açorianos desenvolvem. Mas ao mesmo tempo eles acabaram tendo que ser pescadores, porque tinha aquela fartura imensa nas águas. É por isso que Cascaes chama a nossa gente de “colonos anfíbios”, que ora trabalham na terra, ora trabalham no mar.

E nas crenças e atividades religiosas, quais são as marcas da formação cultural da antiga Ilha do Desterro?

Eles desenvolveram um calendário cultural, voltado para a igreja, que começa no dia 8 de dezembro, com a ascensão de Nossa Senhora, já fazendo as cantorias dos ternos – é o terno da Anunciação, o terno do Nascimento, o terno do Ano Bom, o terno de Reis, o terno de Santo Amaro, de São Sebastião, de São Bom Jesus de Guape... Os ternos eram arautos para lembrar ao povo as suas obrigações religiosas. Eles estavam perdidos nestes sertões, sem calendário, relógio, pois estas coisas não existiam, então estes ternos tinham a função de marcar certas datas religiosas. Eles saíam à noite, visitando as residências, ao longe se ouviam as vozes, e assim se lembravam dos períodos de tempo pela religião.

E aí foram se desenvolvendo ao longo do ano estas festividades religiosas. Era interessante que as festas duravam dias e reuniam pessoas de lugares distantes dentro da

ilha. Os santos, na verdade, eram uma desculpa, porque o que acontecia era uma sociabilidade. “Como vai, Maria?”; Como vai, João?”, quem queria negociar alguma coisa, uma canoa, um engenho, era tudo ali. Havia uma circulação muito grande dentro do litoral.

Isso acontecia até os anos 1960, quando o Concílio Vaticano II vai modernizar a igreja e substitui os padres que tinham tradição portuguesa por padres de cultura alemã e italiana, que condenavam o que as pessoas faziam, suas novenas, procissões. Era sempre assim: eles rezavam, rezavam, rezavam, e depois dançavam. O trabalho também era árduo, pesado, mas eles sempre faziam cantando. São os cantos de trabalho, que se perderam em sua maioria.

E como as pessoas reagiram a estas mudanças? Deixaram de lado suas práticas religiosas e passaram a seguir a religiosidade ‘oficial’?

Quando os padres viam estas manifestações de religiosidade – credices, benzedoiras, etc – eles condenavam isso. E o povo gostaria muito de engalfinhar o padre, mas eles também tinham muito medo, porque “praga de padre, pega”. Então essa gente se afastou da igreja. Só que eles não lêem e não escrevem, e têm necessidade de ouvir a palavra. Foi aí que as igrejas evangélicas escancararam e, com toda sua força, impuseram que nada daquilo que eles faziam podia mais. A igreja evangélica anula a pessoa: não pode mais cantar, dançar, brincar, rir, tudo é pecado. E é muito triste ver que todas aquelas manifestações folclóricas se desintegraram. As pessoas culpam o progresso por isso. Mentira! O folclore é dinâmico, ele aproveita a modernidade e acrescenta as suas expressões. Mas, quando a igreja corta pela raiz foi quando houve um desaparecimento muito grande destas manifestações, pois as pessoas deixaram de cantar, dançar, e abandonaram sua cultura. Isso é muito triste...

O que ficou desta tradição, com fortes marcas da religiosidade popular?

A cultura açoriana conta com um calendário marcante da religiosidade católica e dos santos padroeiros, misturados com as crenças dos santos de fé. A Quaresma, principalmente, é toda cheia de mistérios. Há uma suspensão muito grande, muito jejum, muita reza, à noite não se sai de casa, porque os elementares estão soltos e é muito perigoso, porque Cristo se isola para confabular com o pai, então o povo acha que Cristo não está dando atenção para ninguém, então os elementares estão livres, leves, soltos, sem a interferência de Jesus. Pior ainda é a Semana Santa, que Cristo está morto

e o diabo está solto, então eles fazem um ritual que acontecia só na madrugada da Sexta-Feira Santa, que era o desafio ao diabo, representado pelo touro. O touro já foi em antigas civilizações transformado em um deus animal. Há muitas crenças pagãs que consideram o touro um elemento sagrado. Então eles aproveitam isso, já que é um culto pagão, e essa é a imagem do diabo, e eles fazem o boi na vara, que eles não tocavam o animal, que era considerado impuro. Então eles irritavam o touro, soltavam e atraíam até o mar. Quando ele metia o pé na água salgada, se purificava e acabava aí. Mas isso era um grande sacrifício; quem fazia isso eram pessoas que estavam pagando promessas, porque na Sexta-Feira Santa não se faz nada: não se fala, não se come, nada se faz. Eles faziam isso para proteger Cristo, que iria ressuscitar, acreditando que se o diabo estava solto, poderia atrapalhar. Chamavam o diabo para si, para deixar Cristo em paz no seu processo de ressurreição. Isso era depois conhecido, porque se perdeu esta informação, como Farra do Boi, que é um absurdo que acontece até hoje aqui na ilha.

Depois vem um tempo bonito. Cinquenta dias depois da Quaresma, é Pentecostes. É a coisa mais forte que os açorianos legaram: o culto ao Divino Espírito Santo. Onde tem três gaúchos, eles instituem um CTG; onde tem três açorianos, eles instituem uma festa dedicada ao Divino Espírito Santo. Então há uma profusão de festas dedicadas ao Divino, ainda representando a presença da família imperial, é uma coisa muito linda que fazem até hoje. Os imperadores, reis, nobres, neste momento se submetem à vontade do Divino e devolvem os poderes terrenos que os reis representam através da coroa e do cetro. Há uma solenidade e eles devolvem isso coroando uma pessoa comum, que não é um nobre. Esta é uma festa que tentaram acabar, pelas imposições da Igreja, mas é tão forte na gente daqui que, ao contrário, se ampliou.

Você é considerado um seguidor e um guardião da obra de Franklin Cascaes, tendo o privilégio de conhecê-lo. O que você poderia destacar sobre ele como folclorista, artista autodidata, pesquisador?

Franklin Cascaes foi a pessoa que se preocupou em registrar estes temas do saber fazer, o trabalho, o folguedo, religiosidade, brincadeiras, lendas, literatura oral, que era essa herança que os açorianos legaram. Ele se preocupa com o progresso, com as tradições que estavam sendo ameaçadas, e tem tudo por escrito. Mas ele quer alcançar a educação, então ele resolve ilustrar, acreditando que vendo a ilustração as pessoas iam se interessar pelo texto, e descobrir estes universos. Não satisfeito com as ilustrações, ele vai fazer tudo isso em esculturas: as procissões, o trabalho, a pesca, a

lavoura, folgedos folclóricos, brincadeiras infantis, crenças, mitos, enfim, e realmente este trabalho dele atendeu e atende imediatamente a educação e já serviu de ponto de apoio para muitas pesquisas científicas, com trabalhos de graduação, mestrado e doutorado em cima da obra do artista. Ele previa que tudo isso um dia ia servir para fazer teatro, cinema, e tudo isso já foi feito.

Como você entrou em contato com a obra de Franklin Cascaes?

Quando eu era estudante, eu queria aprender artes, mas descobri que na história da arte se falava muito sobre o clássico, o barroco, mas não se falava nada de arte brasileira e muito menos de Santa Catarina. Então descobri este artista que estava usando seu talento para documentar as manifestações da minha vivência. Tive o prazer de trabalhar com ele, mostrando o valor da sua obra, que registra a alma da nossa gente.

Fale um pouco sobre a trajetória deste grande artista.

A formação que ele teve foi muito dura, rígida. Franklin beirava os 20 anos e nunca havia entrado em uma sala de aula. Mas ele recuperou o atraso e conseguiu se tornar professor da antiga Escola Industrial, onde iniciou seus estudos. Ele frequentou a escola muito tarde, mas tinha orgulho de ser professor, que era uma atividade muito prestigiada na época. Ele também era um artista e um pesquisador, que fez por conta própria todo seu trabalho, mas ninguém dava valor para isso. Além disso, o Franklin tinha uma visão muito interessante sobre o que estava acontecendo na ilha de Florianópolis. Quando ninguém ainda falava de ecologia, ele já tinha um discurso muito crítico sobre a destruição das praias, sobre o que estava se perdendo na natureza. Ele era um grande defensor da ilha, era apaixonado por este lugar, e isso fica muito claro nos seus escritos, que sempre exaltam a beleza do lugar e a riqueza da sua cultura.

(...) Uma coisa que admiro muito no trabalho de Cascaes era a preocupação em mostrar o resultado do seu trabalho para o povo. Mesmo sendo alguém que já conhecia a cultura açoriana, pela sua própria história, ele passava alguns períodos em comunidades de pescadores da ilha e lá convivia com as pessoas e registrava suas histórias. Ele desenhava em nanquim e fazia suas anotações e, quando retornava, também registrava as histórias e os seres imaginários em forma de escultura de argila. Depois ele voltava lá e deixava as esculturas. Era fantástico esse cuidado que ele tinha de visitar um lugar, depois expor seu trabalho como forma de reconhecimento e memória das lendas que eram contadas de boca em boca. O que ele fez foi transformar o conhecimento em arte.

Mas ele não chegou a ser devidamente reconhecido pelo seu trabalho...

Ele fez muitas obras e era muito respeitado pelo povo. “Seu Francolino”, era assim que as pessoas o chamavam. Ele fez muitas exposições em toda a ilha e também montava uma exposição embaixo da figueira da praça, no centro. Ele colocava as figuras em volta da árvore e enchia de gente para ver. Era tanta gente que uma vez a rádio Guarujá se instalou embaixo da figueira para que as pessoas falassem, pelo rádio, o que viam...

Quando isso aconteceu?

Era nos anos 60. Cascaes tinha muita visão do que estava fazendo e o que queria mesmo era divulgar a cultura açoriana. Ele tinha uma kombi onde escrevia, na lataria, poemas de amor à ilha. Não tinha como não ler. Ele estacionava no centro, ou na frente de uma escola, e chamava a atenção. Era isso que ele queria, em uma época que não tinha out-door. Mas as pessoas da ‘academia’ não reconheciam o seu trabalho na época. Isso só veio depois, nos anos 70, quando a Universidade Federal de Santa Catarina abriu um espaço para ele. Começaram a ver que o trabalho de Cascaes tinha um valor artístico e uma importância também para a preservação da cultura.

Na obra de Franklin Cascaes, o que mais se conhece são as histórias de bruxaria. Li os dois livros dele e fiquei encantada com a presença destes seres com poderes mágicos na cultura popular... Pode-se dizer que a figura da bruxa é um dos principais elementos desta herança da tradição açoriana?

A principal herança cultural dos açorianos não é a bruxaria, mas o caráter religioso das manifestações folclóricas. Entre os seres imaginários presentes no folclore que foram registrados por Cascaes, o que mais se conhece são as histórias de bruxaria, que foram publicadas em livro e inclusive serviram de inspiração para o nome “ilha da magia”, pelo qual se conhece Florianópolis.

Mas, você sabe... Ninguém acredita em bruxas, mas que existem, toda gente tem absoluta certeza. Por isso, antes de falar nas bruxas, melhor é fazer uma oração de espanta-bruxedo para se proteger, pois falar de bruxa atrai a bruxa para si.

*“Treze raio tem o sóli
Treze raio tem a lua
Sarta Diabo pro inferno
Que esta alma não é tua.
Tosca marosca*

*Rabo de rosca
Vassoura na tua mão
Relho na tua bunda
E argulhão nos teus pés
Por riba do silvado
E por debaixo do telhado
São Pedro, São Paulo, São Fontista,
Por riba da casa São João Batista
Bruxa tatará-bruxa
Tu não me entre nesta casa
Nem nesta comarca toda
Por todos os santos dos santos
Amém.”*

Agora já podemos falar, sem perigo...

Como eu disse, as bruxas são um fragmento da obra de Franklin Cascaes. E, devido aos seus mistérios, acabou despertando mais interesse, e também foram publicados os livros com as histórias (*O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*). As lendas vêm da Europa, especialmente dos Açores, para o litoral de Santa Catarina. Há uma relação de sagrado e de profano que está bem presente nestas histórias, de origem tão arcaica. Algumas delas se tornaram universais.

Nos dois volumes do livro de Franklin Cascaes, são narradas diversas histórias sobre bruxas, envolvendo elementos do cotidiano dos moradores da ilha. Entre tantas lendas, quais são as histórias mais comuns, contadas pelas pessoas? Afinal, quem são e o que fazem as bruxas?

Conta-se muito sobre as viagens das bruxas nos barcos dos pescadores. Elas roubam o barco e vão até a Índia, onde apanham ingredientes para fazer uma poção mágica, que passam sobre o corpo. Com essa poção, elas conseguem se metamorfosear e assumem poderes mágicos, como o de voar. E o que elas fazem é chupar o sangue das crianças, que ficam ‘embruxadas’ e só se curam com as rezas da benzedeira. Também trançam a crina dos cavalos, promovem a desordem na casa, enfim, praticam suas maldades.

Outra coisa interessante é que muita gente associa a imagem da bruxa aos contos de fada da Disney, em que elas são muito feias. Mas as bruxas são as mulheres mais belas, que são aquelas que conseguem enfeitiçar. Elas não podem se apresentar, porque se fizerem isso perdem o fado, ficam sem poder. As bruxas só gostam de lugares formosos. E dizem que a última coisa que Deus fez foi a ilha de Florianópolis, e fez

com muito capricho. Por isso, ela é povoada por estes seres. Também existem bruxos, mas estes são secretíssimos...

Nas histórias contadas na ilha, a bruxa é necessariamente um ser maligno? Nas lendas registradas por Cascaes, sempre parece haver uma luta entre o bem e o mal através da disputa de poder entre a bruxa e a benzedeira...

Na verdade, as bruxas são, historicamente, mulheres de grande sabedoria, que indicavam remédios, eram as rainhas do lugar. Elas não são somente ruins, e só incomodam quem não presta: uma vizinha fofoqueira, uma mulher rancorosa, são aquelas afetadas pela bruxa. Podemos dizer que as benzedeiras guardam também este poder sobrenatural, usado para o bem.

E ainda hoje é possível encontrar estes relatos? As pessoas acreditam que as bruxas estão à solta na “ilha da magia”?

As histórias foram se perdendo, mas ainda hoje as pessoas fazem amuletos de defesa, com ervas, por exemplo. E não falam sobre as bruxas, para não atraí-las. Então, que existem bruxas, existem. Mas não se pode falar sobre elas...